



RESEARCH ARTICLE

O LUGAR DA POESIA DE AGOSTINHO NETO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PATRIÓTICA

Wakala Muzombo

Manuscript Info

Manuscript History

Received: 09 July 2025

Final Accepted: 11 August 2025

Published: September 2025

Key words:-

Poetry; independence; political awareness; patriotic consciousness.

Abstract

One of the fundamental purposes of poetry is to challenge established models, often unveiling the contradictions of society. It suggests alternative perspectives on given realities, inviting a critical reappraisal. In the context of Angola's struggle for independence, Agostinho Neto resorted to poetry as a means of raising the political consciousness of native populations and encouraging adherence to the liberation movement. Neto's poetic corpus is vast; however, this study focuses on three poems whose thematic concerns revolve around revolution. His engaged poetry reflects the diversification of forms of struggle. Although written in Portuguese, it is important to highlight the use of African anthroponyms and toponyms, which function as semiotic codes announcing a cultural patriotism. Thus, Neto's poems conveyed messages grounded in the apprehension of the surrounding reality: the existential condition of the poor native in contrast with the bourgeois settler. These texts also enabled the recognition of the 'self' and the construction of identity. The formation of patriotic consciousness, therefore, involves the deconstruction of dominant ideology and the formulation of new ideas based on lived experience, an active process that surpasses passivity by replacing it with reflective awareness. Neto's poetics resists the colonial project of epic construction. Likewise, the engaged poetry produced by other African authors, as referenced in this study, bears witness to the dismantling of colonial ideals of glorification.

"© 2025 by the Author(s). Published by IJAR under CC BY 4.0. Unrestricted use allowed with credit to the author."

Introduction:-

Nesta abordagem da poesia de Agostinho Neto, torna-se necessário fazer, em algumas linhas, uma nota biográfica. Assim sendo, António Agostinho Neto foi político, médico e escritor angolano, nasceu no dia dezassete de setembro de 1922, em Icolo e Bengo. Percebeu, desde cedo, a diferença entre os meios rural e urbano. Disparidade explícita na vida dos habitantes, atendendo à sociedade desigual promovida pelo colono. Entende-se que tal terá influenciado, de certa forma, a sua escrita. Sendo a poética netiana vasta, circunscrevemos o presente estudo em três poemas – «Adeus a hora da largada», «O Içar da Bandeira» e «Criar». Privilegiamos estes para o artigo por se configurarem relevantes, na nossa opinião, pela forma como a reivindicação é explícita. Desta forma, é também delimitação que fazemos.

Alertamos para o facto de os poemas partilharem elementos comuns – a luta pela liberdade, a projeção de uma nova nação. Isto permitiu com que os textos tivessem abordagens elementos que se leem com mais reiterados. Tal se deve a projeção dada aos poemas pelo próprio autor. Entretanto, não desprimoraa existência de especificidades em cada um deles, que merecem uma releitura.

A poesia engajada de Neto é uma crítica ao modelo de governo colonial. Além dele, havia outros autores angolanos que faziam textos nesses mapas de perspectiva. Os poemas engajados traziam nos seus textos os problemas da sociedade do seu tempo, a fim de que a população tomasse consciência deles, que os despertasse para o ideal nacionalista. São testemunho dessa ideologia as reflexões contidas nos poemas de Agostinho Neto sobre racismo, fome, violência, etc.

Neste sentido, a consciencialização não ocorreu apenas quando da luta armada de libertação nacional, mas num processo anterior, que visava o despertar da consciência de cada nativo e que, concomitantemente, conhecesse o valor de uma formação académica e ideológica, por que desta forma se estaria em melhores condições para ensinar outros a lutar por mais direitos. Era, pois, necessário que se multiplicassem as formas de luta. Os meios estilísticos e modernos de luta permitiram a criação e divulgação da mensagem. Tratava-se de uma luta por um patriotismo cultural, pese embora feita em língua portuguesa, o que fazia do poeta um sujeito de dois mundos. No entanto, encaixava outros elementos – desvios ao português padrão, recursos aos antropónimos e topónimos africanos. Essas referências à tradição africana são, ao mesmo tempo, consolidação e proteção do património cultural. Tais referências aparecem em poemas como «Kinaxixi» e «Mussunda amigo».

Assim, os poemas de Agostinho traziam mensagens que se baseavam na compreensão da realidade circundante e no reconhecimento do «ser», a formação da identidade. Desta forma, a formação da consciência patriótica é a desconstrução da ideologia dominante, formulação de novas ideias a partir da experiência; um processo que ultrapassava a inatividade, substituindo em seu lugar a consciência reflexiva.

Apesar de o colonizador tentar aproximar as populações indígenas ao seu modo de vida através da língua e da escola, Agostinho Neto aproveitou-se dessa situação para contrapor os ideais portugueses de colonização, de engrandecimento da nação portuguesa.

O processo de despertar os nativos é a consciencialização, definida por Lourenço, M. (2014, p. 257) como “[...] o acesso a consciência de aspectos da experiência excluídos da percepção consciente do sujeito”. Pode, ainda, ser considerado o processo didático que visava dar ao sujeito a noção de ser escravo, mas alimentado, utopicamente, que pode alterar o quadro e que pode ser autor do seu destino.

Trazemos como objetivos compreender a dimensão patriótica e mobilizacional que Agostinho Neto teve para despertar a consciência dos nativos sobre a dominação colonial a partir dos seus poemas, e buscando diálogos com outros autores. Tal é alcançável a partir da leitura dos textos selecionados que proporcionam o entendimento da dimensão reivindicativa de cada poema aqui trazido.

Selecionamos três (3) textos para este artigo, com teor reivindicativo. Na sua leitura, serão apenas usados alguns versos ou algumas estrofes, separados por uma barra. Neste caso, os versos ou estrofes em que se encontram as referências sobre o despertar da consciência patriótica, que são os objetos de análise.

A Questão Da Hierarquização Das Culturas:-

A hierarquização cultural evidencia a existência de culturas superiores que outras. Os portugueses atribuíram ao nativo a incompetência, considerando-a como um “dom”. E, para que essa incompetência se perpetuasse, aplicavam-se políticas que agudizassem o analfabetismo, vedando o acesso à escola e demais ambientes de literacia. Desta forma, acentuava-se, igualmente, a exploração económica. Aos nativos era reservado o trabalho do campo, doméstico e outros cujas práticas impediam o desenvolvimento de uma literacia leitora e reflexiva, como bases que ativassem as outras aprendizagens. “O sistema colonial era encarado como insubstituível e a cultura local como “naturalmente” inferior. [...] os habitantes da terra, sempre encarados como seres humanos inferiores ou até em estado de subumanidade” (Pavão, 2003, p. 339)..

Para inverter o estado de sub-humano impingido ao negro, outros poetas africanos defensores da negritude rejeitavam tais concepções. Procuravam, desta forma, descrever nos seus poemas o “belo negro”, exaltando características positivas do homem negro. Veja-se, a título de exemplo, o poema Manifesto de José Craveirinha:

Oh! Meus belos e curtoscabelos crespos
 E meus olhos negros insurrectos
 Grandes luas de pasmo nanoitemaisbela
 (...)
 E minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos
 Oh! E meus dentes brancos de brancos de marfimes poliado
 Puros brilhando naminha negra encarnada face ativa.

Tendo sido denegada toda a cultura negra, Fanon (2018) fala sobre culturas hierarquizadas, onde existem grupos humanos sem cultura, concebidos como subalternos e outros grupos que se sobrepõem a outros. Desta forma, são concretizações da hierarquização cultural fenômenos como o racismo, e que, para Fanon (2018, p. 80), “O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo”. Sobre os opressores, Fanon (2018, p. 80) questionava: “Como se comporta um povo que oprime?”. Em resposta à sua pergunta, diz o seguinte:

Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados [as]. [...] Na realidade, as nações que empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. A guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a escravização, no sentido mais rigoroso, da população autóctone. Para isso, é preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, o despojamento, a razia, o assassinio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem. O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados

No processo de colonização os povos autóctones adaptam-se à cultura imposta. O colonizador, usando todos os artifícios, submete a dos nativos. Este processo tem efeitos psicológicos irreversíveis. “Produz-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida social, desequilibrando-a” (Kandjimbo, 2000 apud Rodrigues, 2013, p. 13). Desta forma, sendo a África vítima dos fenômenos referidos por Fanon, entende-se, a partir daqui, o contexto da produção dos textos de Agostinho Neto, abordagem que faremos a seguir.

Contexto De Produção Dos Textos Escolhidos:-

No século XV alguns povos europeus expandiram-se pelo mundo. Esta expansão que primeiro se fundamentou pela troca de produtos, expansão do cristianismo, mais tarde, em África, viria a sofrer metamorfoses – o tráfico de escravos, submissão dos povos autóctones. Assim, a região que hoje compreende Angola foi visada neste processo.

Rodrigues (2013, p. 9) refere que

Ao longo dos anos e dos séculos, a colonização criou, sob a égide do “trabalho de civilização”, situações de discriminação racial e assimilação forçada e desencadeou a alienação total dos povos colonizados. A negação da liberdade, imposição de um idioma desconhecida, de um regime político opressor e de outros valores apenas alguns dos artifícios usados pelos colonizadores para retirar o que é vital para a sobrevivência de um povo: a sua identidade. Os povos colonizados foram, a poucos, assim, destituídos de qualquer referência cultural própria e condicionados cultural e civilizacionalmente.

Como se pode compreender na história de Angola, o processo da conquista da liberdade é anterior a Agostinho Neto. No entanto, sendo a colonização secular, Agostinho Neto nasce e cresce no mesmo contexto. Foi daí que a necessidade de liberdade lhe leva aos trilhos da revolução. Assim, a conquista da liberdade não passava pela consciencialização, uma fase que permitia a compreensão das dificuldades vividas, da percepção da pobreza que circundava as populações.

Pode-se assim afirmar que a poesia de Agostinho Neto nasce num contexto de opressão face a colonização portuguesa, tempo e espaço em que se legitimou o racismo e a apropriação indevida das terras africanas. Agostinho Neto observa a distorção da identidade de seu povo, que se concretizou na destruição dos valores culturais. Assim sendo, a contraposição da ordem colonial estabelecida compreendeu a reivindicação, colocando-se numa posição de sujeito da sua própria história (Rodrigues, 2013). Laranjeira (1995, p. 92) apresenta mais razões sobre os contextos da poesia de Agostinho Neto quando caracteriza a sua obra Sagrada Esperança,

Nele se encontram temas da alienação social, cultural e política, da exploração económica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução.

A obra *Sagrada Esperança*, comparada a um texto épico (com as devidas distâncias temporais e contextuais a admitir), incita o povo angolano para a conquista da independência. Nesta senda, usando a literatura como arma, Agostinho Neto contesta a ordem estabelecida há séculos, que glorificava o império colonial, influenciando a tomada de consciência do “ser” negro enquanto humano e proprietário do “palco” em que a injustiça se estabelece, e daí a necessidade da liberdade.

Dão-se, desta forma, indícios da restituição de identidade através da literatura, nomeadamente, a poesia. Por outro lado, além da consciencialização dos nativos a abraçar a luta pela independência, os poemas de Agostinho Neto visavam igualmente o próprio colono, apelando-o a adotar o humanismo.

Estes textos, por serem escritos nos contextos já referidos, contrariavam pretensões coloniais; defendiam, valorizavam e exaltavam povos africanos. É neste sentido que Carter (2014, p. 347) afirma que “A matéria-prima com que o fundador da República de Angola construiu o seu universo poético foi a realidade sociopolítica da sua terra natal [...]”.

Análise Dos Textos Escolhidos:-

A literatura foi, por excelência, o meio para a difusão dos ideais de liberdade (Lima, 2013). Assim, havendo várias tipologias de textos literários de combate, neste estudo circunscrevemo-nos à poesia. Assim, entende-se por poesia de combate a de cunho revolucionário, com fins sociopolíticos. São textos que apontam para a consciencialização e reivindicação. Aquela em que se dá lugar às questões ideológico-revolucionárias, que, na época colonial, idealizou a liberdade dos povos oprimidos. Ou, ainda, que usando uma linguagem própria, mobilizou os nativos para aderir à luta de libertação, trazendo à tona os males do colonialismo europeu.

Além da poesia há outros textos da literatura de combate ou protesto (contos e romances), escritos por outros autores angolanos. É o caso das “Aventuras de Ngunga”, uma obra que relata as várias formas em que foi feita a ação pedagógica para o despertar da consciência patriótica durante a luta de libertação. Como numa peça teatral em que os espectadores se revêm, “Suas personagens vão nos apresentando todos os desafios enfrentados pelo movimento para o despertar da consciência da sociedade de acordo com o seu ideal nacionalista. O conhecimento de tais obstáculos aparece nos diálogos, conflitos e reflexões dos guerrilheiros ficcionais;” (Lima, 2013, p. 1). Assim, a partir da leitura das obras com esse teor, o nativo toma consciência da colonização e daí a necessidade de adotar técnicas para se libertar. O carácter didático das referidas obras facilitava a sua compreensão.

Essa literatura, “Tendo sido especificamente gerada pela luta ideológica em Angola e de fim essencialmente revolucionário, a poesia de Agostinho Neto pertence a esta categoria global de literatura de protesto” (Carter, 2014, p. 347). Essa literatura apresenta o texto de acordo com a projeção do seu autor, evitam-se os “mascaramentos”. A poesia engajada feita por Neto apresenta uma locução geralmente concreta. No entanto, atualmente, surgem críticas de teóricos que defendem o seu carácter efémero, porque, tendo como finalidade a modificação de determinadas condições que inspiraram a sua produção, o mesmo (texto) deixaria de ter valor. No entanto, entendemos que os textos podem ser vistos sob várias perspetivas – histórico, literário, político. Assim sendo, não mais havendo a finalidade política, por exemplo, nos textos de Agostinho Neto, prevalecem outros valores - históricos e literários.

A seguir, vamos proceder à análise do poema «Adeus à hora largada», de Agostinho Neto. Faremos uma releitura que nos permitirá compreender a sua dimensão reivindicativa. A seguir, dispomos os textos selecionados para estudo. São transcritos integralmente os poemas e, em seguida, procede-se à análise literária de cada um, buscando-se neles os elementos que inspiram a consciencialização.

Adeus à hora largada, de Agostinho Neto:

Minha Mãe

(todas as mães negras cujos filhos partiram)

tu me ensinaste a esperar

como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida

matou em mim essa mística esperança
Eu já não espero
sou aquele por quem se espera
Sou eu minha Mãe a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje

somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã

entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida

Uma Leitura:

O poema expressa várias perspetivas - o princípio, o adeus, o rapto, a separação, a ida para um lugar desconhecido e a formação de novos mundos. Estas perspetivas concretizam-se pela enunciação do filho que abandona a sua terra natal, seu user, sua cultura, seu conhecimento do mundo, sua família, e parte para outro lugar. O verso «Minha Mãe», “como segunda pessoa - que serve de interlocutor mudo da narração” (Melo & Marques, 2014, p. 361), o destinatário, refere-se à mãe enquanto pátria.

Considerando este poema como uma introdução, seu desenlace dá-se com o poema «Havemos de Voltar», espaço em que o sujeito poético expressa a esperança de rever a sua terra independente, na restituição da situação anterior anunciada no poema «Adeus à hora da largada».

A terceira estrofe é a autoidentificação (próprio de um poema confessional). Os vários sujeitos que clamam perfazem a metáfora da pátria, o todo pelas partes, que são os vários filhos de uma mãe (pátria), crianças pobres e adultos escravizados «a esperança somos nós/somos as crianças nuas das sanzalas do mato/somos os teus filhos/nós vamos em busca da luz» estabelecidos em diferentes espaços «os garotos sem escola a jogar a bola de trapos /nos areais ao meio-dia /somos nós mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais».

Como se pode notar, «Há como que uma colectivização do sujeito de enunciado e, a partir daqui o poema deixa ser uma voz pessoal para se tornar um coro uníssono» (Melo&Marques, 2014, p. 363). Trata-se, neste sentido, da voz do povo. Anuncia-se de igual modo a situação de precariedade e de estratificação entre os moradores dos bairros asfaltados e dos musseques «somos os teus filhos/dos bairros de pretos/ além aonde não chega a luz elétrica/ teus filhos/com fome/com sede». Estes versos dão a noção de quem conhecia bem a realidade e por isso a descrevia com engenho. É o caso da referência que faz aos bairros dos pretos, sem luz elétrica. Tal induz a existência de um signo oposto, aonde existe luz elétrica – os bairros da elite colonial.

Quanto a estratificação social, Pavão (2003, p. 339) diz:

Nas cidades, viviam nos musseques, isolados do mundo dos brancos colonizadores, aglomerados em péssimas habitações, sem nenhuma higiene ou conforto. Já no campo, viviam explorados pelos brancos, que foram tomando posse das terras que representavam seu lar e sustento, passando a servir de mão-de-obra que só aumentava a riqueza dos colonizadores.

A última estrofe consola a mãe que fica e vê um filho que parte com a esperança de um possível reencontro, que, num amanhã, ainda que longínquo, entoar-se-iam hinos à liberdade e comemorar-se-ia o fim da escravidão. Os hinos à liberdade e o fim da escravidão seriam, neste sentido, assuntos do passado, ali onde se tinha partido e entoado cânticos tristes, «Fatigados/esgotados de trabalhos/mas cantam». (Vide poema «Contratados»).

O sujeito poético inclui-se no sofrimento, num desespero provocado pelo contexto de uma separação forçada. No último verso da última estrofe, atente-se para o uso do paradoxo – os filhos que partiram como escravos «Vão em busca de vida». Lê-se como paradoxo por a noção de escravidão se compactuar com castigo e morte, mas não com vida. No entanto, entende-se «busca de vida» como sinónimo de independência.

Depois deste poema, apresentamos, a seguir, outro poema, «O Içar da Bandeira», de Agostinho Neto, cuja finalidade é a compreensão do despertar da consciência patriótica dos nativos.

O Içar da Bandeira, de Agostinho Neto:

Quando voltei
as casuarinas tinham desaparecido da cidade
E também tu
Amigo Liceu
voz consoladora dos ritmos quentes da farra
nas noites dos sábados infalíveis
Também tu tinhas desaparecido
e contigo
os intelectuais
a Liga
o Farolim
as reuniões das Ingombotas
a consciência dos que traíram sem amor
Cheguei no momento do cataclismo matinal
em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva
erguendo a planta esplandecente de cor e juventude
Cheguei para ver a ressurreição da semente
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria
nos homens
E o sangue e o sofrimento
era uma corrente tormentosa que dividia
a cidade
Quando eu voltei
o dia estava escolhido
e chegava a hora
Até o riso das crianças tinha desaparecido
e também nós
meus bons amigos meus irmãos

Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
 e quemmais?
 – centenas, milhares, de vós amigos
 alguns desaparecidos para sempre
 para sempre vitoriosos na sua morte pela vida
 Quando eu voltei
 qualquer coisa a gigante se movia a terra
 o homem nos celeiros guardava mais
 os alunos nas escolas estudavam mais
 o sol brilhava mais
 e havia juventude calmanos velhos
 mais do que esperança era certeza
 mais do que bondade era amor
 Os braços dos homens
 a coragem dos soldados
 os suspiros dos poetas
 Tudo do que tentavam erguer bem alto
 Acima das lembranças dos heróis
 Ngola Kiluanji
 Rainha Ginga
 Todos tentavam erguer bem alto
 a bandeira da independência

Uma Leitura:-

O poema *Içar da Bandeira* é o símbolo da independência. Mas uma independência que se almeja. Assim, embora as formas verbais se apresentem no pretérito «Quando eu voltei» anuncia um momento porvir. É a realização da “revelação apocalíptica” anunciada nos versos «sou aquele por quem se espera/entoaremos hinos à liberdade/quando comemorarmos/a data da abolição desta escravatura, todos do poema «Adeus à hora da largada». É a concretização de um projeto. Trata-se de um porvir. O valor deste poema prevalece no sentido de ser uma mensagem de esperança e de apelo à revolução. Porque o anunciado é ainda um sonho. É uma mensagem ideológica, de força. Sendo um apelo à revolução, explícita as razões da luta, como numa imagem, que é o retrato de um dia. Lê-se na última estrofe, a invocação aos reis Ngola Kiluanji e Rainha Nzinga, o que se entende como reconhecimento aos pioneiros da luta de libertação.

A referência aos nomes dos amigos e irmãos como Liceu, Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel, desaparecidos; a ausência das reuniões nas Ingombotas, são a imagem da terra que continuava sob o domínio colonial e que, por consequência, levava a perda da identidade. Deste modo, apelam a tomada da consciência para a revolta.

Há, ainda, o anúncio do que viria a ser o pós-independência, quando os filhos da terra tomariam dianteira do seu projeto de país. Tal se vê na nona estrofe – haveria fartura de alimentos, redução do analfabetismo, o sol brilharia mais. O brilho do sol é tomado aqui como o signo de prosperidade, do renascer. É, na verdade, o predizer de uma paz efetiva.

Finalmente, chega-se a ideia de que a mensagem do poema é uma ação por se realizar pelo simples fundamento espaciotemporal da sua produção, Cadeia do Aljube, Lisboa, 1960. E, tal se tornou uma “utopia realista” no dia 11/11/1975.

Damos a ler, por fim, o poema «Criar», de Agostinho Neto, espaço em que se exprimem a esperança, a necessidade de mudança.

Criar, de Agostinho Neto:

Criar
 Criar criar
 criar no espírito criar no músculo criar no nervo
 criar no homem criar na massa
 criar
 criar com os olhos secos

Criarcriar

sobre a profanação da floresta
 sobre a fortalezaimpúdica do chicote
 criarsobre o perfume dos troncos serrados
 criar
 criar com os olhossecos
 Criarcriar
 gargalhadasobre o escárneo da palmatória
 coragemnaponta da bota do roceiro
 força no esfrangalhado das portasviolentadas
 firmeza no vermelhosangue da insegurança
 criar
 criar com os olhossecos
 Criarcriar
 estrelassobre o camarteloguerrero
 pazsobre o choro das crianças
 pazsobre o suorsobre a lágrima do contrato
 pazsobre o ódio
 criar
 criarpaz com os olhossecos
 Criarcriar
 criarliberdadenasestradasescravas
 algemas de amor noscaminhospaganizados do amor
 sons festivosobre o balanceio dos corpossemforças
 simuladas
 criar
 criar amor com os olhossecos

Uma Leitura:-

Além da noção de sofrimento que os poemas de Agostinho Neto explicitam, felizmente, o sujeito poético não se olvida da esperança do fim da escravatura, daí os poemas «Criar»; «Havemos de voltar», onde se anuncia a esperança, a necessidade de reverter a situação pelo trabalho. Há a nostalgia expressa pelo uso de instrumentos musicais do património cultural africano como a marimba e o kisanje, que são códigos culturais, identitários e patrióticos. Relembra evocam a necessidade do estabelecimento da ordem perdida, mas alcançável por meio de luta, pelo envolvimento de todos os filhos da terra. Aqui, traz-se a mensagem de esperança, a necessidade da construção de uma nova terra, sob novas condições, com menos sofrimento, criar a paz, sem lágrimas de sofrimento, «criar a paz com os olhossecos», que é o símbolo de coragem.

Agostinho Neto sempre teve em conta os diferentes estratos sociais. Porque se tratava de um sofrimento comum. Assim, todos encontram o seu espaço retratado na sua poesia. Por exemplo, conhecendo o estado de pobreza em que as crianças estavam submersas, apela que depois da luta houvesse «paz sobre o choro das crianças». Aqui, as crianças são a representação do povo subalternizado e o choro tomado como pobreza. Assim, a necessidade de criar visava evitar o choro pela ausência de recursos, de fome, de nudez, de sede, em suma, de um sofrimento provocado pelas políticas coloniais.

Outros estratos sociais que a poesia de Agostinho integra, além da infância, são a mulher e os velhos. Como diz Mendonça (2014, p. 242) “A poesia de Agostinho Neto clama por justiça para a mulher angolana, um ser que no poema «Quitandeira» se lamenta desta forma: «tudo tenho dado // Até mesmo a minhador / e a poesia dos meus seios nus / entreguei-a aos poetas»”.

Quanto à velhice diz o seguinte: “[...] No poema «Velho Negro», este aparece-nos «Reduzido a farrapos [...] // Velho farrapo / negro / perdido no tempo e dividido no espaço ...» «A velhice vem cedo // Uma esteira nas noites escuras / basta para ele morrer» (Mendonça, 2014, p. 242). Sendo o povo vítima do sistema colonial, o poema vem anunciar o fim da escravatura. É a projecção de um país pós-colonial, que dá a noção de que após a luta, haveria necessidade de se trabalhar, produzir e garantir melhores condições de vida para todos.

Para Martinho (2014, p. 143), o poema «Criar» é “[...] usado com valor imperativo, [...]. O acto de «criar» para que insistentemente o sujeito apela, e com uma urgência que não admite demoras ou hesitações, cresce em oposição a forças de destruição, de «profanação», de violência, de «ódio»”.

Considerações Finais:-

Finalmente, sob o signo negritude, a poesia de Agostinho Neto exprime a defesa do humanismo negro, trazendo o seu reconhecimento como “ser” em pé de igualdade de qualquer homem. É uma poesia de incentivo à luta pela liberdade, de criação de nova nação, de esperança e de amor à pátria. Exalta o ser negro, as suas terras, o seu património cultural material e imaterial.

É uma poesia que visava o alçar de uma cultura, da afirmação da identidade do homem negro, pela luta e pelo trabalho.

Sítios:-

1. CRAVEIRINHA, José. Manifesto. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha#h.yvma6v60e4hy>>. Acesso em: 26 maio 2022.
2. NETO, Agostinho. A Deus a hora da largada. Disponível em: <<https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-hora-da-largada/>>. Acesso em: 31 maio 2022.
3. NETO, Agostinho. O izar da bandeira. Disponível em: <<https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-bandeira/>>. Acesso em: 31 maio 2022.
4. NETO, Agostinho. Criar. Disponível em: <<https://agostinhoneto.org/poesias/criar/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

Referências:-

1. CARTER, J. Elizabeth. «O patriotismo do poeta: Agostinho Neto e a sua arte». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 359-368.
2. FANON, Frantz. «Racismo e cultura». In: FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda; SANTOS, Leonardo Soares (Org.). Revista Convergência Crítica, n. 13, p. 78-90, 2018. ISSN 2238-9288.
3. LARANJEIRA, Pires. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
4. LIMA, Priscila Henriques. «Literatura de guerrilha: ideologia do MPLA na obra As Aventuras de Ngunga e a proposta de construção de uma nação angolana». In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.
5. LOURENÇO, Manuel. O desenvolvimento da consciência em Sagrada Esperança. In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. 257-270.
6. MARTINHO, F. B. «Agostinho Neto, poeta. A poesia do fundador da República Popular de Angola foi a voz da sagrada esperança do seu povo». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 139-153.
7. MELO, M. Virgínia; MARQUES, M. Teresa. «Agostinho Neto: perfil de um poeta lutador». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 359-402.
8. MENDONÇA, J. Luís. «Sagrada Esperança de Agostinho Neto: do desfile de sombras para o amanhecer da justiça social, uma poética do desenvolvimento africano». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 239-248.
9. PAVÃO, S. Rodrigues. «O desenvolvimento da consciência nacional em Sagrada Esperança». Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 337-347, 1º sem. 2003.
10. RODRIGUES, C. I. Silva. A renúncia impossível de Agostinho Neto: um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.